

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ EM FILIGRANA: SOCIOLOGIA, ARTE E TECNOCIÊNCIAS

A proposta desse dossiê é a de reunir trabalhos que trafeguem por áreas fronteiriças, apresentando produções científicas e artísticas que se cruzem de algum modo e alimentem a tríade “sociologia, arte e tecnociências”. Assim, os leitores terão a oportunidade não de desvendar o que há isoladamente de sociologia, de arte e de tecnologia nos trabalhos que seguem, mas sim de perceber o modo como estes identificam, discutem e se envolvem com algo que poderíamos considerar central no dossiê: as questões estético-políticas disparadas pela avalanche tecnocientífica a partir da virada cibernética. Os textos selecionados tratam de temas recorrentes hoje nesse campo de interesses, apresentando referências e perspectivas ao mesmo tempo partilhadas e em oposição.

Reunimos aqui contribuições de autores de diferentes áreas, das humanidades, das artes e das ciências, numa tentativa não-conformista de pensar a complexidade do contemporâneo e de seus devires, e, ao mesmo tempo, de sentir, produzir e agir nesse contexto de mudanças. É quando a sociologia encontra então a tecnologia para desenhar seus novos problemas em tempos de digitalização e aceleração gerais, como ocorre no artigo de Diego J. Vicentin, na medida em que enfrenta a fundo as questões técnicas do aparelho celular e de suas redes, abrindo terreno para análises posteriores sobre como a mobilidade desse objeto técnico está ligada à sua participação em relações para além da evolução tecnológica, relações propriamente sócio-técnicas. É também quando a tecnologia de ponta, por sua vez, vê-se apropriada por redes diferentes, estéticas e filosóficas, como é o caso emblemático da figura do ciborgue, o que leva Henrique Luiz Cukierman e Ivan da Costa Marques a reverem brevemente a história da cibernética de Norbert Wiener,

através da discussão do conceito de ciborgue e de sua politização, proposta por Donna Haraway. Cukierman e Marques podem assim enunciar o que consideram a questão fundamental da condição pós-humana: a tensão entre a manutenção do sujeito liberal diante das mudanças tecnológicas (Wiener) ou sua dissolução tecnopolítica no ciborgue de oposição (Haraway).

Outra aproximação da tecnologia com a filosofia e a arte ocorre no trabalho de Emerson Freire, que encontra no filósofo Gilbert Simondon e nas imagens do cineasta Harun Farocki elementos para evitar a reificação do objeto técnico, mostrando sua constituição no “entre”, nas próprias relações sócio-técnicas, iluminando o extra-campo aberto pelo texto de Vicentin. Com o belo exemplo que Freire recupera de Farocki de como se forma uma cidade a partir da interrupção dos fluxos, o autor sugere que é necessário politizar esses encontros, reabrir os fluxos, como se dissesse em termos deleuzianos que determinados encontros fazem cidade, território, e, com isso, bloqueiam a ocorrência do acontecimento..

Puxando o fio da cidade lançado por Freire, podemos nos deixar levar pelo texto de Fabio La Rocca e Julieta Leite, que trata justamente dessa possibilidade de gerar um acontecimento no espaço público que o reconfigure, ao menos do ponto de vista imaginário ³/₄ noção importante à escola de pensamento pós-moderno a que esses autores se vinculam. Sentindo nos poros desse texto os contornos da metrópole parisiense, fica o estímulo para pensar se nas nossas metrópoles a experiência lúdica faz sentido ao lado das práticas contestatórias que tentam responder ao caos urbano, como La Rocca e Leite nos indicam.

Mas se o lúdico dos *flash mobs* não é tão visto nas ruas de nossas cidades - e aqui temos de reconhecer que a abertura do objeto técnico de Vicentin é mais palpável no desvio de função (uso não previsto) que ocorre com os celulares nos presídios brasileiros do que propriamente em seu uso como vetor lúdico de estímulo perceptivo - o que nos propõe Eduardo Nespoli é uma interessante instalação que ele próprio considera lúdica, fruto do encontro entre ciências sociais, arte e tecnologia. Pode-se notar que a noção de “cotidiano” empregada por Nespoli é oposta à de La Rocca e Leite. A tentativa de afastar

a experiência perceptiva dos participantes de sua obra daquela do cotidiano é baseada no uso da tecnologia em favor do estranhamento, do não-reconhecimento, do corte do uso documental ou naturalizante dos materiais. Em *La Rocca e Leite*, ao contrário, é o mergulho no cotidiano o que conta, já entendido como algo que comporta a abertura a novas experiências subjetivas formadas no tempo presente, no instante: de um lado, ingerência, se pudermos dizer assim, do imaginário resignificando o espaço, de outro, sonho, alteridade, diferença. Nespoli não fala de presente, mas de tempos diferentes que são mobilizados pelo dispositivo, de desterritorialização da experiência cotidiana.

Ainda falando de artistas em relação à tecnologia, o texto de Edgar Franco caminha na direção de dar expressão a essa transformação que é, como mencionaram Cukierman e Marques, a emergência de uma condição pós-humana. Franco passa pelas ciências humanas e pelos “tecno-profetas” para inventariar o pós-humano e propõe uma obra digital chamada “Aurora Pós-Humana”. Evidentemente que esse nome mobiliza a “aurora da humanidade” que nos lança ao espaço, imagem que abre o filme de Stanley Kubrick *2001: Uma odisséia no espaço*. Mas Franco inverte a ênfase na evolução linear do *homo faber* de Kubrick em favor de uma evolução passando por uma espécie híbrida “humanimal”. O que mais interessa nesse procedimento parece ser a recuperação, através da tecnologia de ponta, de uma dimensão mitológica $\frac{3}{4}$ recalcada na história da humanidade do Ocidente $\frac{3}{4}$ em que figuravam diversos híbridos de humanos e animais. Sem aprofundar muito esse ponto, gostaríamos ao menos de sublinhar, com Franco, que o pós-humano, para além de suas conexões regressivas realizadas pelos “tecno-profetas”, que, ao mesmo tempo, buscam a imortalidade e se inserem na ponta dos processos de dominação tecnocientífica (em projetos militares, por exemplo), pode também atualizar outras forças ou liberar potências novas que ultrapassem as fronteiras que separam o homem do animal e o homem da máquina. Nesse sentido, recolocando os termos da questão de Cukierman e Marques sobre o pós-humano, Franco se alinharia a Haraway e não a Wiener.

Não é senão nesse mesmo espaço de questionamento que se insere o texto de Rodolfo Eduardo Scachetti. Recuperando brevemente uma figura

do humano baseada na linguagem articulada e simbólica, Scachetti nos mostra seu duplo encontro com Salvador Dalí: de um lado, uma escultura que conduz às profundezas do humano em um sentido freudiano, de outro, um material que entra em consonância com a “arte” de povos tradicionais, reabrindo a questão da relação entre humanos e não-humanos através não da imagem de uma mulher com gavetas, mas sim da de um gabinete antropomórfico.

O acoplamento humano-animal via tecnologia, com a diferença de não envolver, como em Franco, uma dimensão genética e reprodutiva, também aparece diretamente no artigo de Silvana Macêdo. Propondo um trabalho colaborativo entre humanos e animais, a artista questiona, apoiada em uma perspectiva eco-feminista, marcos da condição moderna, como a ideia de autoria. Assim como Franco, que redescobre o mítico como canal para essa condição nova do “humanimal”, mas também como Nespoli que constrói sua instalação desterritorializante, lidando diretamente com materiais obtidos em sua pesquisa de campo com os índios Asuriní (que vivem seu estado mítico simultaneamente à entrada da televisão em sua comunidade), Macêdo também está com seu “radar” voltado àquilo que busca escapar ao controle, que é uma das marcas obsessivas da modernidade ocidental. É nesse sentido que interessam a Macêdo tanto a recuperação dos valores nativos estadunidenses presentes no trabalho de Joseph Beuys, que consistiu no seu convívio com um coioote numa galeria de arte em Nova York nos anos 1970, quanto o desvio de função realizado por Beatriz Costa e seu coletivo artístico em um objeto técnico de ponta como é o caso do GPS (*Global Position System*). Beatriz e seu grupo subverteram um projeto militar de vigilância através de pombos+câmera, propondo um novo acoplamento humano-animal-objeto técnico. Com uma conexão pombo+GPS, o grupo pretendeu medir a poluição atmosférica em sinal de crítica sócio-ambiental, de forma que se poderia dizer que a arte pós-humana, a arte pós-autoral, tem estabelecido uma forte ligação com o manifesto de Haraway: novas quimeras mitológicas e tecnocientíficas sim, mas de oposição.

Por fim, há dois trabalhos que se desprendem um pouco desse dossiê por seu formato, que são a tradução de Vanina Carrara Sigrist e o experimento acerca

do escritor e teatrólogo Heiner Müller, realizado por Maria Cláudia Curtolo e Sílvia Sawaya. O texto de Sigrüst apresenta pela primeira vez aos leitores brasileiros a introdução do trabalho “O homem está antiquado” (*Die Antiquiertheit des Menschen. I. Über die Seele im Zeitalter der zweiten industriellen Revolution.*), do filósofo alemão Günther Anders. Esse texto, publicado em 1956, é uma referência fundamental àqueles que se interessam em pensar a relação entre o homem e a tecnologia no mundo contemporâneo. Anders já havia inclusive destacado que as condições do próprio pensar tinham, com a onipresença da tecnologia nas sociedades capitalistas ou comunistas da metade do século XX, sido transformadas. Sua crítica à tecnologia, assim como à filosofia tradicional, data da mesma época do famoso texto de Martin Heidegger “A questão da técnica”, recolhido nos seus *Ensaio e Conferências* (a primeira edição alemã foi publicada em 1954). Perguntará o leitor: mas onde está a arte nesse trabalho, que destaca, como o próprio título sugere, a obsolescência do humano? No experimento sobre Müller os leitores encontrarão uma espécie de desdobramento estético-político dessa questão. Experimento? Exatamente. Curtolo e Sawaya, como Müller, permitiram-se tocar pelo material. Dada a violência de domesticação desse material, que teria de ser mobilizada em uma proposta de resenha convencional de peças ou escritos do teatrólogo, o texto, ao contrário disso, envereda pelo experimento de escrita, que, claramente, mais instiga ou implica do que explica. Vale muito, nesse momento, uma leitura em voz alta, em que se possam sentir a vertigem e, mais propriamente, o frisson causado pelas palavras cuidadosamente amoladas com Müller.

Possivelmente, ninguém melhor do que o próprio Müller tenha enfrentado, no plano da expressão e de sua destruição, o tema do esgotamento do humano e do pós-humano. Fez isso lidando obsessivamente com a HISTÓRIA e com os devires, com os fantasmas mobilizados por William Shakespeare e com a tecnologia de ponta. Em suma, *Hamlet-machine...*

Gostaríamos de agradecer a todos que auxiliaram nesse projeto: a Samira Feldman Marzochi, do Conselho Deliberativo da Revista Temáticas, e a Maria Cimélia Garcia, do Setor de Publicações do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) da Universidade Estadual de Campinas, pela paciente assistência e pelas informações ao longo do processo, a Vanina

C. Sigris, pela revisão geral dos trabalhos e, evidentemente, aos colaboradores do dossiê, que acreditaram no projeto deste volume e se envolveram com ele.

Rodolfo Eduardo Scachetti e Rosana Horio Monteiro